

# Dívida tem alívio imediato com queda do dólar

Heitor Hui/AE

*Se tendência do câmbio persistir, inflação de 2002 pode ter um pequeno recuo*

**MÁRCIA DE CHIARA**

**A** mudança do nível do câmbio, que recuou cerca de 6% nas duas últimas semanas, proporciona um certo alívio para o mercado financeiro, mas não a ponto de provocar mudanças cruciais no cenário econômico atual. De imediato mesmo, o recuo da cotação da moeda americana tem reflexos diretos na dívida pública interna com correção cambial. Estimado em R\$ 180 bilhões, o saldo encolheu R\$ 10,8 bilhões só por conta dessa queda no dólar, calcula o diretor de Fundos do Banco Inter American Express, Marcelo Allain. A médio prazo, caso esse novo patamar de câmbio se consolide, o reflexo será uma pequena redução na inflação de 2002, que poderá vir acompanhada de corte nos juros básicos.

“A dívida pública é o indicador que mais irá se beneficiar no curto prazo dessa trégua no cenário econômico”, avalia Allain. Além da queda na cotação do dólar, ele aponta a alta de cerca de 12% na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) e a redução de 25% para 21% ao ano dos juros no mercado futuro, desde fins de outubro, também como indicadores do alívio.

Economistas ouvidos pelo **Estado** consideram que ainda é cedo para encarar a apreciação do real uma tendên-

cia. Na prática, a queda do dólar reflete uma ‘trégua’ no pessimismo exacerbado que vinha se disseminando entre os agentes econômicos, diz.

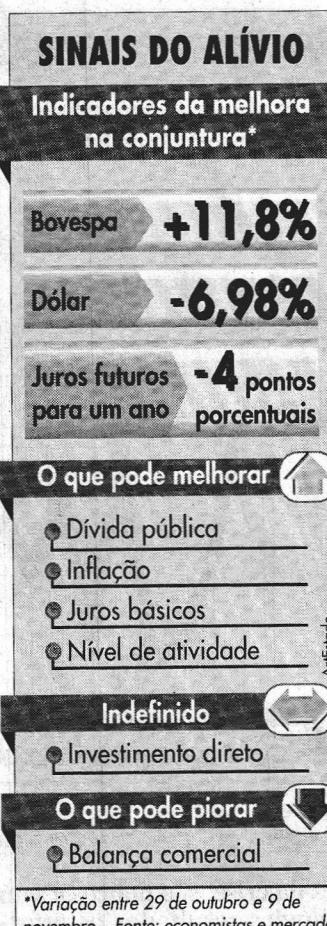
Para o sócio da Tendências, Roberto Padovani, quando a cotação do dólar atingiu o pico de R\$ 2,80, o mercado estava embutindo nesse valor um risco maior por causa da crise argentina, do confronto norte-americano no Afeganistão e do racionamento de energia elétrica. Como as previsões mais pessimistas nesses três focos de preocupação não se confirmaram, a pressão sobre o dólar diminuiu.

“O que ocorre hoje com o câmbio é um ajuste transitório, não se trata de tendência”, diz Padovani. Allain pondera que a apreciação pode não ter continuidade, caso a situação na Argentina se agrave. Padovani observa que nenhum fundamento econômico se alterou para mudar o cenário traçado para 2002. “A situação da economia americana continua complicada e o

prêmio de risco dos papéis brasileiros, elevado”, ressalta o sócio da Tendências.

**Inflação** – De toda forma, o recuo do dólar melhora as perspectivas de inflação para 2002, ressalta Padovani. Na sua opinião, o Índice de Preços Amplo (IPCA) poderá ficar mais próximo de 4,5% do que de 5% no ano que vem.

Essa avaliação é compartilhada pelo economista-chefe do Lloyds TSB, Odair Abate, para quem, a médio prazo, a queda do dólar reduz as projeções de inflação porque as



*Allain, do Inter American Express: trégua no cenário econômico*

pressões de custos serão menores. “O alívio na inflação de 2002 será moderado.” Ele ressalta que esse cenário mais favorável “abre uma porta” para que os juros básicos voltem a cair.

Mas o economista do Lloyds TSB não acredita que o corte nos juros já ocorra na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), marcada para os dias 20 e 21 deste mês. É que a inflação continua pressionada pelos reajustes ocorridos no câmbio, como mostram os resultados de outubro e as primeiras prévias deste mês, cujos índices superaram as expectativas do mercado.

O Índice de Preços ao Con-

sumidor da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (IPC-Fipe), por exemplo, fechou outubro com 0,74%, ante expectativa inicial de 0,4%. O IPCA de outubro atingiu 0,83% e superou a projeção de mercado que era 0,65%. A primeira prévia do Índice Geral de Preços de Mercado (IGPM) deste mês teve alta de alta de 0,78% e ficou ligeiramente acima do esperado (0,6%).

Abate pondera também que seria precipitado reduzir os juros agora, especialmente quando se observa uma recuperação da demanda e uma maior predisposição de vários setores em repassar aumentos de custos para os pre-